



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de lançamento da pedra fundamental das obras da ponte de integração Brasil-Peru

Assis Brasil-AC, 11 de agosto de 2004

Meu querido companheiro e amigo Alejandro Toledo, presidente do Peru,

Meu querido companheiro e amigo presidente da Bolívia, Carlos Mesa,

Meu querido governador do estado do Acre, Jorge Viana,

Meus companheiros ministros do meu governo, no Brasil,

Ministros do Peru e ministros da Bolívia,

Meus companheiros deputados do Peru, da Bolívia e do Brasil,

Senadores aqui presentes,

Secretários,

Meus amigos e minhas amigas,

Toledo, em 1989 eu fui candidato... Antes de eu falar, deixa eu cumprimentar os nossos companheiros da imprensa da Bolívia, do Brasil e do Peru. Imprensa com quem, muitas vezes, nós brigamos tanto, mas que tanto precisamos dela para divulgar e fortalecer a democracia no nosso país.

Mas, em 1989, Toledo, eu fui candidato a presidente da República pelo Brasil e eu perdi as eleições. Depois das eleições, eu descobri que não conhecia o Brasil e que nenhum candidato que concorre às eleições, num país do tamanho do Brasil, conhece o Brasil.

Nós, candidatos, somos obrigados a decorar textos; somos obrigados a estudar algumas coisas específicas, mas a gente não tem conhecimento da realidade, porque, normalmente, não se viaja muito pelo país e, quando se viaja, viaja-se para as capitais, desce no aeroporto, vai para o palanque, do



palanque volta para o aeroporto e vai embora, muitas vezes sem pegar na mão de uma pessoa – eu vou pegar na sua mão já, já, minha querida, pode ficar certa – sem conhecer o nome das pessoas que estão no palanque. Então, eu assumi o compromisso de que era preciso conhecer o Brasil.

Presidente Toledo e presidente Carlos Mesa, entre 91 e 94 eu viajei 91 mil quilômetros no Brasil, de ônibus, de trem, de barco e de carro. Foram 91 mil quilômetros! E, essas viagens, uma delas eu comecei aqui, em Assis Brasil, de ônibus, e fui terminar em Dourados, no Mato Grosso do Sul, atravessando esses estados todos. Depois, eu fiz mais 14 caravanas – caravana de barco, caravana de trem – para ter um pouco da dimensão do que é o Brasil, dos seus problemas e de como pensa o povo brasileiro.

E eu tinha consciência de que governar este país é muito mais do que sentar numa mesa, lá em Brasília, e ficar despachando com ministros ou atendendo as personalidades que conseguem marcar uma audiência com o presidente.

Eu resolvi que era importante que nós governássemos um pouco diferente; que nós governássemos viajando um pouco este país e conversando mais com as pessoas, para ouvirmos as angústias, os anseios e, ao mesmo tempo, a sabedoria do povo das cidades, por menor que seja uma cidade.

Pois bem, ganhamos as eleições. Chamei o companheiro Celso Amorim para ser ministro das Relações Exteriores e disse ao companheiro: “Celso, nós não podemos ficar querendo que o Brasil cresça, do ponto de vista econômico e do ponto de vista comercial, mais do que ele já cresceu, se nós não tivermos a ousadia de fazer uma política externa nova. E, ao mesmo tempo, se nós não formos ousados para criar coisas que ainda não foram criadas”. E nós não podemos ficar olhando apenas para a Europa e para os Estados Unidos, que são dois mercados importantes, mas são dois mercados muito disputados. Todos os países – Bolívia, Peru, Argentina, Brasil, Venezuela, Colômbia, Chile,



Equador, Guiana Francesa, Guiana Inglesa – todos os países querem vender para os Estados Unidos e querem vender para a Europa. Todo mundo.

Então, é um mercado muito competitivo, que cada vez mais diminui a margem de manobra para nós colocarmos os nossos produtos lá dentro. Mas mesmo assim, estamos brigando. E acabamos de ter duas vitórias extraordinárias. A primeira, conquistamos na Organização Mundial do Comércio o direito dos Estados Unidos não impor mais subsídio ao algodão que ele produz, para permitir que a gente possa vender algodão. E a segunda vitória, graças à construção do G-20, lá em Cancún, e graças à atuação do G-20, lá em Paris, nós conseguimos fazer com que a Organização Mundial do Comércio também dissesse à União Européia que é preciso retirar o subsídio ao açúcar que ela produz para que outros países produtores possam vender mais.

Mas eu não me conformava com uma outra coisa. Eu não me conformava em saber que todos os países da América do Sul são países pobres; todos os países da América do Sul são países em desenvolvimento. Nós estávamos ligados pela inteligência de Deus, que construiu os nossos países num único continente, mas, pela incapacidade dos dirigentes, nós estávamos de costas para a América do Sul e sempre olhando para a Europa e para os Estados Unidos. E decidimos, então, que era preciso parar com o discurso teórico da integração e começar a ter em conta que, se nós quiséssemos ser mais fortes para lidarmos com os países ricos, nós tínhamos que construir, primeiro, uma aliança entre nós. E para que essa aliança fosse construída era preciso que tivesse uma coisa chamada integração física. Integração física para que o povo da América do Sul pudesse transitar livremente, para que os empresários pudessem transitar livremente, para que os produtos produzidos por nós, no campo ou na indústria, pudessem transitar livremente. E aí nós iríamos fortalecer a nossa economia e iríamos ganhar mais condições de negociar com o mundo desenvolvido. Ou seja, era preciso



estabelecer uma política de complementaridade entre os países da América. O que o Peru pode oferecer ao Brasil? O que o Brasil pode oferecer ao Peru? O que o Brasil pode oferecer à Bolívia? O que a Bolívia pode oferecer ao Brasil? E nessa política de similaridade a gente então começa a estabelecer a nossa integração física.

E hoje, por conta de Deus e por conta da vontade pessoal deste companheiro chamado Jorge Viana, por conta da vontade política do presidente Toledo e do presidente Carlos Mesa, hoje de manhã nós inauguramos a ponte entre Cobijas e Brasiléia, no estado do Acre, permitindo que o povo da Bolívia e do Brasil possa transitar, e como eu disse, brincando, um boliviano ou uma boliviana possa até namorar com um brasileiro e com uma brasileira, em cima da ponte, para mostrar que é a ponte da paz, a ponte da integração, é a ponte do amor.

Agora estamos aqui. Por enquanto o que vocês viram foi o desenho e já viram a tubulação ali. Eu espero que com a vontade do meu Ministro dos Transportes, com a vontade do nosso governador Jorge Viana, que a gente possa, daqui a 12 meses, voltar aqui para inaugurar aquela ponte e ver se tem uma moça ou um rapaz de Iñapari namorando um moço ou uma moça de Assis Brasil.

Com essa ponte construída e com a construção de 400 quilômetros de estradas até Porto Maldonado a gente vai poder ter uma integração viva e real entre Brasil e Pacífico, entre Peru e Oceano Atlântico, por conta do Rio Madeira.

E, quando os governantes da América do Sul começarem a ter em conta que nós ainda não utilizamos 10% do potencial de relação comercial que podemos ter – não utilizamos 10% ainda – porque, historicamente, todos nós ficamos subordinados às grandes potências. Às vezes, o Brasil preferia olhar para o mundo lá longe, depois do Atlântico, ao invés de olhar para a sua fronteira. Muitas vezes, o Peru e a Bolívia preferiam olhar para Miami do que



olhar para o Brasil.

E nós, agora, descobrimos que não foi por acaso que a inteligência de Deus fez com que os nossos países fossem integrados. Quando nós temos dificuldade, nós temos um belo rio. Todo mundo sabe onde nasce o Rio Amazonas; todo mundo sabe que o Rio Madeira liga os três países, com nomes diferentes, porque em outros países chama-se Madre de Dios. Mas, de qualquer forma, está tudo pronto para a integração. Precisa, apenas, da competência dos governantes.

E eu estou aqui, hoje, com um orgulho imenso, porque, depois de 500 anos, é a primeira ação concreta de integração que nós estamos fazendo. E na hora que nós concluirmos a integração da América do Sul, vocês podem estar certos que nós vamos ter mais importância no mundo, nós vamos fazer mais comércio com o mundo, nós vamos gerar mais riquezas, nós vamos gerar mais empregos e nós vamos gerar desenvolvimento.

Porque eu tenho 58 anos de idade, e eu quero ter o prazer de ver os países da América do Sul deixarem de ser eternos países em desenvolvimento e se transformarem, definitivamente, em países desenvolvidos, gerando qualidade de vida para o povo dos países da América do Sul.

Por isso, meu querido Jorge Viana – eu duvido que tenha, no mundo, um entusiasta maior do que ele, para essa integração. Meu querido Toledo e meu querido Carlos Mesa, o que nós estamos fazendo, hoje, é mais do que uma ponte, é mais do que uma pedra fundamental. O que nós estamos fazendo hoje é adubando, com adubo de boa qualidade, a esperança do povo peruano, do povo brasileiro e do povo boliviano. A esperança de que esses países cresçam; a esperança de que esses países se desenvolvam; a esperança de que a qualidade de vida das nossas crianças vá melhorar e melhorar muito, na medida em que as nossas economias comecem a crescer e a gente comece a ter política de distribuição de renda.

Por isso, eu quero agradecer, Toledo, a você. Quero agradecer ao



Carlos Mesa. E quero dizer para o Toledo que pode ficar tranqüilo, que se depender da boa vontade do Brasil, nós vamos ajudar a financiar a construção dessa estrada, para que haja a integração.

E, quem sabe essas crianças que estão aqui, com 10 ou 12 anos de idade, daqui a 20 ou 30 anos se lembrem do pontapé inicial que nós demos. E quem sabe, Toledo, tenha valido a pena a gente ser eleito presidente do Peru, da Bolívia e do Brasil, só por conta desse gesto que nós estamos fazendo.

Muito obrigado, gente, e que Deus abençoe todos vocês.